

R. 8539

Δ NT-XIX-1287/8

SINAPISMOS POLITICOS

DE

ZEBEDEU

GIBRALTAR

21941209 POLITICOS

DE

NEBEDEU

GIBRALTAR

AO LEITOR BENEVOLO

Damos hoje á estampa a segunda carta da segunda série das que tem publicado nos jornaes do Porto o nosso amigo Zebedeu.

Começamos pela segunda carta porque se refere a assumptos da actualidade. A outra, brevemente será dada á luz, do que decerto prescindiríamos, se um jornal de Lisboa não a tivesse truncado.

A 1.^a série, que comprehende o periodo do *Estudo ministerial*, appareceu no *Ecco Popular*, á excepção da última carta.

Não é para aqui averiguar as razões porque ficou incompleta aquella série.

Sabemos que o nosso amigo continuará a illustrar os portuguezes com as suas observações imparciaes, e estamos por elle authorisados a reproduzir as suas epistolas quer sejam extrahidas do *Purgatorio*, quer d'outro qualquer jornal onde venham a apparecer.

Vale.

Ha muitos dias que lhe não escrevo porque tenho estado a tractar da minha candidatura, e não tive mãos a medir escrevendo para differentes aldéas, promettendo tamaras e chinellas aos eleitores de quem dependia a minha eleição. Infelizmente perdi o meu tempo; é a patria que o ha de sentir! Os ministros fazem-me guerra de morte, e os regedores disseram-me francamente que o Fontes os tinha ameaçado de demissão e processo, se acaso pensassem em candidatos que não tivessem o curso completo do Marrare. Na verdade, sr. redactor, estou com grande ferro. Não me foi possível metter o nariz em bóraco eleitoral onde não visse que já dentro estava rato. Lembrei-me do Barreiro, encontrei o pansudo conselheiro. Pensei em Mafra esbarrei com o Lobato Pires. Fui para Bemfica lá estava o doutor Claudio. Contava com Thomar, qual historia! Tinha-se anticipado o pirralho visconde de Villa-Nova. Corri para Villa Franca achei o Thomaz Cynico. Parto para Albufeira pôz-me na rua o futuro D. José Coutinho. Vim para Cintra, já estava empossado o charlatão do Coutinho. Desesperado parti para Tondella, mal entro no povoado, eis que me salta o Ferraz de Miranda,

Volto por Coimbra, e tive a idéa excentrica de me fazer eleger por Lavarabos, mas o José Maria de Abreu reserva este circulo, em que tem dicidida influencia, para o seu amigo Fontes, no caso de elle ser batido pelo Chaves. Chego a Lisboa, e tive a presumpção de ser eleito por S. Paulo, tempo perdido! Um aprendiz de droguista é a notabilidade que o governo por ali recommendou.

Assim, amigo, por agora não faço mais esforços. Não digo que desistirei, mas confesso que estou cansado de tanto peregrinar no campo eleitoral, chegando sempre tarde, porque infallivelmente encontro pela proa patusquinho, que madrugou mais do que eu.

A faina eleitoral é realmente de metter medo! Não ha insignificante nem patusco que não ache apoio nos homens do governo. Se os fins corresponderem aos principios, a camara ha de ser um verdadeiro botequim, em que se ha de fumar, beber grogs, champorriões, e onde, tenho por certo, se jogará o lasquinet. O Fontes, que sabe para o que trabalha, já encommendou dois bilhares para assentar em pleno parlamento. Deixe folgar a rapasiada, haja bilhar e pianno, porque é *fossil e historico* pretender na camara seriedade, e que lá se cantem modinhas. Deixe brincar os patuscos, deixe saltar as creanças, estão no seu tempo, e é bom que se aproveitem.

O Areopágo da rua-Formosa, está em sessão permanente. Candidatura desesperada appella para aquelle tribunal, e muitos tem sahido de lá verdadeiramente agradecidos.

Outro dia D. José Coutinho Senior, já descoroçoado porque da Guarda escarneceram das suas pretenções, foi-se ter áquella poderosa mansão. Fez protestos de respeito, mostrou-se admirador do orago d'aquella freguezia, recordou os brinquedos d'outro tempo, e a affeição que desde a infancia os ligava, e pediu com as lagrimas nos olhos que lhe accudissem, porque achava deshonoroso para um janota não ter entrada na futura camara.

Estas palavras internecidas produziram effeito no vetusto coração a que eram dirigidas.

Em almiscarado papel, que tinha ao canto um passarinho com ramo de perpetuas no bico, escreveu-se logo uma cartinha espiituosa, que fechada em arrendado *envelope*, foi com ella o esperançado candidato procurar á secretaria o *Admastro da Patuscada*.

Receber o bilhete, lêl-o com amavel sorriso que desabrochava por baixo do pintado bigode, foi tudo obra de um momento: está sêrvido, exclamou o *Potentado*, porque circulo prefere? Contento-me com todos, respondeu o candidato. *Farinha Podre*, — *Atoguia de Balêa*, *Torre de Dona Chama*, — *Maças de Dona Maria*, — *Lamas de Orelhão*; em qualquer d'estes pontos tenho immensa popularidade e sou lá tão conhecido como o nosso Sampayo o era em Gôa. Pois bem respondeu o *Salomão* eleitoral, vá socegado, e leve este bilhetinho a quem teve a bondade de se interessar tão vivamente pela sua candidatura. O genio pegou na pena e com mediana orthographia escreveu o seguinte:

« *Pedir quem pôde mandar*

« *Preceitos que mais obrigam*

« *Minha senhora. O seu recommendado será no futuro parlamento*
« *o representante de LAMAS DE ORELHÃO.* »

Na proxima carta lhe contarei mais scenas d'este entremez eleitoral, a que actualmente assiste todo o paiz.

O sr. *ministro do Pimentão* está em braza, e tem o nariz vermelho como o fructo que tomou por timbre. (faça idéa como estará bonito!) É o caso que se acha envolvido em uma questão séria com o espertalhão do José Izidoro Guedes. O ponto do debate é já bem conhecido. Abriu-e um concurso para estradas, que devêra fechar-se quarenta dias depois, isto é no dia 27. Bernardino Martins não queria concorrentes, foi-se ter com o ministro e intimidou-o, dizendo-lhe que, se não queria ser espatifado n'um *burlesco*, fechasse o concurso um dia antes, para que elle e os seus fossem preferidos, e afastados os competidores. O ministro sacrificou a justiça ao medo, mostrou que era patusco, e pôz lóra o Guedes, e mais outros, adjudicando a empresa por um prego exorbitante. Bernardino Martins andava acceso, porque o negocio para elle é de muitos contos de réis. Contos para elle, contos para A, contos para B, contos para C, etc. etc. etc., e quem paga tudo isto? o contribuinte, que é por fim o carneiro que todos tosquiam.

Agora o que nem todos sabem ainda, é qual foi a miseravel evasiva por onde o doutor Pimentão quiz escapar se. Ora eu lhe conto:

O Serpa, para salvar a sua responsabilidade, chamou o procurador da corôa, especie de *Borda d'Agua* junto ao seu ministerio, e fez lhe a seguinte pergunta: Senhor juriconsulto, treze dias de um mez e vinte e seis de outro quantos fazem? Em jurisprudencia, respondeu o erudito magistrado, treze dias e vinte e seis sempre fizeram quarenta e dois.

Tenho ouvido, accrescentou o Serpa, mande ca o official tecnico junto do meu gabinete. Este appareceu em seguida, e o ministro interrogou-o d'este modo: Sr. engenheiro, responda com sã consciencia a esta grande questão — treze dias de um mez e vinte e seis de outro

quantos são? ... Na engenharia d'este seu criado, respondeu o tecnico, treze e vinte e seis toda a vida fizeram trinta e oito. Bem, replicou o Serpa, tenho entendido, a questão está esclarecida; o paiz paga mais com os novos funcionarios, é verdade, mas é um gosto ter a gente quem a elucide nas occasiões difficeis.

Depois, dando mil voltas á luneta, com ar meditabundo exclamou: Mas estas opiniões são encontradas! é preciso ser prudente. ... Não façamos papel de Fontes! nada de compromettimentos *in medio consistit virtus*: treze e vinte e seis não são senão quarenta; está por conseguinte fechado o concurso no dia 26. D'aqui ninguém me arreda.

Logo em seguida pegou no chapéo, e foi dar parte aos seus collegas que tinha atravessado um abysmo sobre o gume de uma faca. Abraçou-se com o Fontes, cahiu desfallecido, e pediu um capilé, porque estava suando bagas d'agua.

À noite o ministro foi cumprimentado pelos seus muitos amigos, que todos protestaram nunca terem visto sahir com tanta destreza, e tão discretamente de um negocio que envolvia milhões de difficuldades. Se ha nada tão admiravel como um ministro d'estes!

José Isidoro, porém, com a arithmetica do nosso paiz na mão, ateima que treze e vinte e seis são trinta e nove, e que o concurso acabára por isso no dia 27. Com esta teima tem posto o ministerio em torturas.

Sr. redactor. Para seu conhecimento, e para apreciar a modestia do esclarecido presidente do conselho geral de instrucção pública, ahí lhe remetto uma carta por elle escripta ao Biester mais velho, narcotico infallivel das platéas portuguezas. Como sabe este incrível dramaturgo é editor da *Revista Contemporanea*, onde ultimamente tem apparecido lythogrados os focinhos de quanto peralta cruza as ruas de Lisboa.

N'esta publicação mensal appareceu o retrato e a biographia do A. Herculano, e depois do retrato de um portuguez tão illustre, sem vergonha e sem cerimonia, seguiram-se Casal Ribeiro, Antonio de Serpa, Magalhães Coutinho, e outros. O nosso Fontes, que já lhe tardava a hora de vêr os seus bigodes *biographados*, encheu-se de indignação, lançou mão da penna e agora o verás.

Senhor Biester. Cria o côrvo, tirar-te-ha o olho. Assim devo eu dizer quando me lembro que fui eu quem lhe deu a importancia de o fazer censor. Quando não houvesse outras rasões a gratidão devia bastar para que eu já estivesse lythographado ha muito tempo. Tem havido um retrato e uma biographia para todo o bixo careta, e eu que não sou feio, que sou janota, e tenho sido ministro por duas vezes, ainda estou no limbo do seu esquecimento. Consta que até já está para sahir á luz a carranca do visconde d'Algés, que se segue depois o Neves alfayate, e depois o Sampaio, se couber na pedra, e eu ainda olho ao signal. Sr. Biester, tenha conta em si ou acabam-se as censuras, e a E. Adelaide ficará reduzida ao ordenado antigo. Affirmo-lh'o, e faço-lh'o, bem sabe que a minha energia pôde muito quando se requerem medidas decisivas. Estou certo que estas considerações o hão de trazer ao bom caminho, e para lhe facilitar a tarefa ahí lhe mando alguns apontamentos que fará favor de embellesar, e podem servir para a minha biographia. Se achar alguma lacuna recorra ao que, com tanta verdade, escreveu a meu res-

peito no *ASMODEU* o nosso amigo Antonio de Serpa, e a obra ficará completa.

Os apontamentos são como se segue :

O sr. conselheiro A. M. F. Pereira de Mello, etc. etc. etc., nasceu com cara de genio no anno de 1811.

Quando tinha 14 annos já lia correntemente em consequencia do que seu pae lhe deu um relógio.

As suas disposições para ministro da fazenda revelaram-se aos 18 annos, por uma engenhosa capitalisação que fez com um belforinheiro que vendia boiões de pomada.

Desde os mais tenros annos houve no seu coração uma tal superabundancia de ternura, e uma afeição tão viva para as desemparadas da primeira mocidade, que hoje mesmo *inda não sente coisa que mais queira*. As quarentonas da sua época exercem n'elle um poder magnético. Foi official de marinha para o que teve sempre completa negação, e por isso mesmo seu pae promoveu activamente o seu adiantamento. Nos seus brincedos pueris mostrou sempre certa gravidade, na escolha dos seus amigos mui discreta selecção. Fez toirinhos de canastra com o conde de Mello, e jogou o peão com o visconde de Fornos d'Algodres.

A dança só se deu em idade mais avançada. Em 1830 estudou esta arte com o *Herculano Preto*, e já em 1834 deu provas da sua proficiencia n'esta arte, vencendo o *Zenoglio* pae n'um difficil minuete executado no tivoli da rua da Flor da Murta. Foi author d'um elegante *chassé* que os janotas do seu tempo denominaram *chassé-Fontes*.

Apprendeu com um castrado da patriarchal a arte da musica, que ainda hoje cultiva com muita predilecção, e a que deve principalmente o ter-se feito conhecido. E não prima unicamente na musica italiana, canta com igual gosto o *sandango* e a *cirandinha*.

Nunca foi dado aos vícios mas *fumou e tomou tabaco* com o que restabeleceu as suas forças, um pouco deterioradas pelo clima de Cabo Verde.

Sr. Biester, á vista d'estes apontamentos não será difficil fazer de mim um heroe. Se lhe faltar alguma circumstancia invente-a, que assim se faz quando se quer servir um amigo, e assim fiz eu quando despachei o José Maria d'Abreu.

N. B. Não diga a ninguém que fui eu mesmo quem lhe deu estes apontamentos.

Logo que tenha apparecido a minha biographia e o competente retrato, conte-me no número dos seus assignantes. Se a Revista não tem meios para viver, o thesouro não põe dúvida em auxiliar uma empresa de tão reconhecida utilidade pública.

Saberá que o Casal Ribeiro faz grandes diligencias para sahir conde: merece-o, áquelle aspecto venerando, áquelle figura esbelta e magestosa vae mal um nome plebeu. Casal Ribeiro ganhou os seus pergaminhos quando era enraivecido tribuno, porque não ha de ser conde um homem de tantos serviços? Abra-se o cofre das graças, e esguiche elle sobre s. ex.^a todas as honras e mercês que lá existirem, e quanto mais fidalgo se tornar hoje o antigo tribuno, mais vingado ficará o seu amigo

Zebedeu.

AO LEITOR BENEVOLO

Umavez mais a estampa a segunda carta da segunda série, que
tem publicado nos annos do Porto o nosso amigo Xeloban.
Lamentamos pela segunda carta porque as ideias assumidas de
actualidade. A outra, brevemente será dada a luz, do que deves
responder, se um jornal de Lisboa não a tiveres tratado.
A 1.ª carta que acompanhando o primeiro do Alentejo
apareceu no Porto, a respeito da última carta.
Não a farei aqui apresentar as razões porque não importa
nada a este respeito.
Porém, de o nosso amigo continuar a publicar asportadas
com as suas observações impetuosas, e estarmos por elle expor
a reprobção de seus actos, para serem criticadas de Portugal
e de outros paizes, não sendo venham a oppor.